

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: Pankararu 67

Data: 23/09/91

Pg.: 14

PREMIO JT

# OS ÍNDIOS PERDEM A TERRA. E SE MUDAM PARA A FAVELA.

1º Prêmio JT  
de Jornalismo  
Jornal da Tarde

Ivanilda Macedo é uma índia pankararu. Há oito anos deixou sua aldeia no Vale do São Francisco, no município de Petrolândia, em Pernambuco, e veio com o marido e os três filhos tentar a vida em São Paulo. Na favela Parque Real, no Morumbi, que em Tupi-guarani significa "colina verde", onde moram hoje aproximadamente 12 mil pessoas, Ivanilda e mais cerca de 150 índios pankararus vivem como uma grande família, cultivando os costumes e tradições de sua tribo.

Ivanilda conta que os pankararus vieram para São Paulo porque foram expulsos de suas terras. "Uma grande parte do nosso território está nas mãos de posseiros", diz. A briga entre índios e brancos pela posse das terras já dura mais de um século. Os índios acusam a Central Única dos Trabalhadores (CUT) de defender a permanência dos posseiros na terra demarcada, através do Sindicato

dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia, filiado à Central, que representa e organiza os posseiros, impondo sua presença na região.

O sindicato garante que os posseiros chegaram primeiro, em meados do século 17. Os índios recorrem ao Decreto 94.603 — assinado pelo ex-presidente José Sarney, em 14 de maio de 1987, que atesta a demarcação da área indígena de 8.100 hectares — para reclamar seus direitos e exigir a saída dos posseiros da região. "Os posseiros expulsam meu povo, que foge para cá", diz Ivanilda.

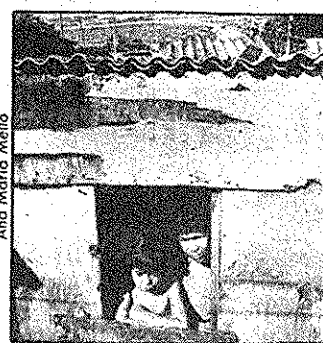
Avelino Ganzer, vice-presidente da CUT Nacional e coordenador do Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais, responsabiliza o governo federal pelo agravamento do conflito em Petrolândia. "O problema central é a questão agrária brasileira. As terras estão nas mãos de grandes latifundiários e usineiros. Se os posseiros forem retirados da área, vão para onde?" Ganzer avisa que se não houver uma solução negociada e imediata, o conflito pode terminar em violência. "Há o perigo de um confronto armado entre índios e brancos."

Em São Paulo, Ivanilda é cos-

tureira. Ela lembra que chegou a passar fome quando veio para a cidade grande. Seu salário e o do marido — que é pedreiro — não somam mais que Cr\$ 30 mil, que mal dá para comprar comida. Sentada à máquina de costuras, ela relembra os tempos que seus irmãos índios se embrenhavam na mata para caçar. Ao contrário das cachoeiras onde ela tomava banho, em São Paulo seus filhos tem apenas um córrego sujo por onde são despejados os esgotos dos barracos. Em lugar da natureza, eles têm doenças de pele, o mal cheiro, o barulho urbano e a violência.

Os índios favelados se lembram com saudade da terra de seu nascimento. Cerca de 3.500 índios ainda vivem em Petrolândia. Segundo Suami Santos, superintendente em exercício da Divisão Fundiária da Funai em Pernambuco, os posseiros ocupam 2/3 das terras demarcadas. "Dos 8.100 hectares, cerca de 5 mil estão com os invasores". São mais de 400 famílias que resistem à proposta da Funai de indenização pelas benfeitorias que têm na região.

Para Hélio Pankararu, que já oito meses trabalha na Cesai, "a Funai está é fazendo corpo mole"



Os pankararus na favela.

Hélio tinha apenas 12 anos quando foi expulso de sua terra. De lá para cá já percorreu vários Estados e trabalhou em muitos postos da Funai. Em São Paulo, ele reencontrou seu povo e fundou a SOS Índios Favelados, com sede na favela. Ele quer ir à Brasília apresentar a entidade à Funai. "A gente precisa se unir porque a Funai não ajuda o índio não". Hélio lamenta que, embora a fundação possa exercer o direito de reintegração de posse sobre o território pankararu, seu povo seja obrigado a "plantar no meio das pedras."

"Os pankararus acabam trabalhando para os posseiros". Quem afirma é o assistente jurídico da Funai/PE, Ricardo, que recentemente enviou à Procuradoria da República, em Brasília, um levantamento oficial sobre a presença de invasores, grilheiros e posseiros na região. Para ele, há duas soluções: "ou o Incra faz um reassentamento dos posseiros, com indenização por benfeitorias, ou só

nos restará mover ação judicial, acionando a PF para retirá-los à força."

Eraldo José de Souza, secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia e vereador pelo PT, é posseiro e nega que os índios trabalhem como empregados. "É tudo mentira. Existem grandes produtores índios. Eles até jogam futebol com a gente". Ele nega também que os posseiros tenham a maior parte da terra. "Temos só 2 mil hectares. Os índios tem as terras mais férteis". Eraldo diz que o pânico tomou conta dos posseiros depois que o Decreto 94.603 foi assinado. Sua proposta é que eles permaneçam na terra ocupada e o governo de Pernambuco dê aos índios parte de propriedades de grandes latifundiários da região. "É mais fácil desapropriar um fazendeiro do que 400 famílias que não têm para onde ir".

Ganzer explica que várias entidades têm se sensibilizado com índios e posseiros, como o Instituto de Apoio Jurídico Popular, do Rio e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que enviaram representantes ao local. "Toda a sociedade brasileira deve se conscientizar da má distribuição de terras no país e pressionar o governo".

Em São Paulo, os índios continuam chegando e vão se acomodando nos barracos dos parentes. Um líder foi eleito para manter a união e organizar a tribo. Fernan-

do Pankararu é uma espécie de "pajé". Ele evoca Tupã e, com o auxílio das ervas trazidas da aldeia, cura as doenças de seu povo. Na falta da mata, os índios ocupam a quadra de esportes da Igreja Nossa Senhora da Providência, no Morumbi para festejar o "poró", ritual que em Pernambuco dura oito dias. Vestem o "karuá" e dançam o "toré". Fumam o cachimbo "kapiô" e bebem "jukia", uma bebida típica.

Em nome dos pankararus, Hélio e Fernando procuraram a Secretaria Defesa do Menor no ano passado para denunciar a miséria em que vivem as crianças índias na favela. As fiscais Eliane Toscano e Rosa Emi enviaram um relatório à Administração da Funai em São Paulo. O documento foi engavetado. "O chefe de um órgão indígena tem que ser índio", reclama Fernando.

O líder pankararu diz que é preciso resgatar a memória de seus ancestrais, mesmo longe da aldeia. Às vezes, é possível ouvir na favela o som que vem de um barraco. São as canções tupi-guaranis que os índios cantam para homenagear Tupã e ensinar sua língua às crianças. "Meu sonho é voltar para minha terra e para minha gente", diz Ivanilda.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Petrolândia, os posseiros chegaram à região em meados do século 17. Documentos atestam que os índios chegaram mais tarde, em meados do século 18. Em 1879, o imperador D. Pedro II doou a terra de 14.294 hectares para os índios. Desde então, ocorreram inúmeros conflitos entre índios e brancos. Em 1940, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), antecessor da Funai, efetuou nova demarcação, reduzindo as terras para 8.100 hectares.

A partir de 1979, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Petrolândia assumiu a luta dos posseiros, apoiado pela Contag e Fetape. Em 14 de maio de 1987, para por fim às disputas judiciais, o então presidente José Sarney assinou o Decreto 94.603, reconhecendo a demarcação de 1940. Os índios, que exigiam a ampliação das terras de acordo com a primeira demarcação (1879), acabaram aceitando o decreto desde que os posseiros abandonassem a área rapidamente. Os posseiros não concordam. Desde então o conflito se agravou e um índio foi morto.

Ana Maria Mello